

## **Uma história feita por mãos negras:**

### **“Por uma história do homem negro”, de Beatriz Nascimento**

**Lara Carvalho Cipriano\***



“Por uma história do homem negro” abre a coletânea de textos de Beatriz Nascimento, organizada por Alex Ratts, em seu livro *Uma história feita por mãos negras* (2021).

A coletânea é iniciada pelos questionamentos de Nascimento sobre os limites da História. Suas questões perpassam a inadequação desse campo do conhecimento aos parâmetros cientificistas, além de apresentar a constatação de que o tempo talvez não possa ser historicamente reduzido (p.38), “como se a história pudesse ser limitada no tempo espetacular, no tempo representado, e não o contrário: o tempo é que está dentro da história” (p.44).

A questão principal do seu texto, no entanto, diz respeito à abordagem fragmentada da história da população negra no Brasil, uma vez que o enfoque se dirige, principalmente, aos aspectos etnográficos, econômicos, sociais e religiosos, negligenciando a questão racial. Diante desse contexto, a autora sinaliza que se o enfoque racial não é devidamente considerado, então a discussão

sobre a população negra se confunde com a discussão sobre classe social. Nesse caso, as pessoas pretas são confundidas com as brancas pobres, as nordestinas pobres, as indígenas e até com as judias. Sobre isso, Beatriz esclarece: “Historicamente, creio não haver nenhuma semelhança entre os dois povos [afrobrasileiros e judeus] (...) o judeu no Brasil é um branco” (p.39).

Nesse viés, a autora faz vacilar as bases da construção do saber científico sobre as pessoas negras, contestando a maneira com que elas são tomadas como objeto de estudo. Assim, Beatriz Nascimento mostra que, por um lado, a partir de um tom pejorativo, o povo negro é estudado como se fosse “primitivo” (p.39). Por outro lado, por meio de um tom aparentemente elogioso, mas, na verdade, generalizador, a população negra é tomada como “a expressão artística da sociedade brasileira” (p.39).

Nesse ponto, a crítica de Beatriz Nascimento é muito original, uma vez que ela mostra que essa perspectiva presumivelmente elogiosa não é necessariamente benevolente e nem menos taxativa que a outra. Sobre isso, a autora afirma que

ultimamente tem havido por parte dos intelectuais e artistas (...) uma nova mistificação, baseada em teoria contrária, mas que demonstra um preconceito racial ainda mais perigoso. (...) Os artistas e intelectuais e outros brancos, diante da crise do pensamento e da própria cultura do

Ocidente, voltam-se para nós como se pudéssemos mais uma vez aguentar as suas frustrações históricas. É possível que agora, no terreno das ideias e das artes, continuemos a ser “os pés e as mãos” da sociedade ocidental? (p.42).

Com isso, Beatriz Nascimento questiona o racismo existente no ato dos brancos recorrerem às pessoas pretas e à cultura afro como se fossem a solução para uma crise, ignorando a independência dessas pessoas e tentando mobilizar a sua cultura a serviço de uma demanda branca. Primeiramente, isso foi feito a partir da escravização, sem a qual a Europa não teria enriquecido e a estrutura econômica das suas colônias jamais teria existido. Recentemente, essa objetificação adquiriu novas roupagens, visto que os brancos continuam voltando-se aos negros como se eles fossem uma solução para os seus problemas, mas dessa vez isso também é feito a partir do âmbito estético e cultural, não só econômico. Dada a aparente sofisticação intelectual dessa nova forma de objetificação, a autora destaca o caráter pernicioso do preconceito racial revestido de certa tolerância e intelectualismo (p.40), sinalizando que a África não pode ser considerada a salvação para as sociedades ocidentais de novo.

Caminhando para o final, no texto de abertura da coletânea, Beatriz Nascimento nos convida a pensar em uma representação das pessoas pretas que esteja além do “folclore”, dos cultos afro-brasileiros, do futebol, do samba e da culinária, afirmando que a história dos negros *ainda* está por fazer, dentro de uma história do Brasil *ainda* a ser feita (p.45). Discretamente, a autora mobiliza a psicanálise para convocar a libertação de todo o recalque de uma história *ainda* não escrita (p.44). Por fim, a autora conclui o seu texto com muita afetividade, citando o seu companheiro e fazendo referência a sua ancestralidade: “como me disse a pessoa que mais amo, um negro, meu marido, as coisas que reflito neste momento já existiam no ventre da minha mãe, num quilombo qualquer no Nordeste, na África (...)” (p.46).

## Referência

NASCIMENTO, Beatriz. “Por uma história do homem negro”. In RATTTS, Alex (Org). *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

---

\* Lara Carvalho Cipriano é mestranda em Filosofia na UFMG, onde também graduou-se em Filosofia. Na linha de estética, pesquisa os diálogos possíveis entre o filósofo checo-brasileiro Vilém Flusser e os estudos decoloniais. Além disso, é graduanda em Psicologia na PUC-MG e integrante do NEIA – Núcleo de Estudos Interdisciplinares da alteridade e do **literafro** – Portal da literatura Afro-brasileira.